



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Trabalho de fim de Curso

Um estudo em torno da exclusão dos jovens tatuados na Polícia da República de Moçambique

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Nira Bernardo Zeula

Supervisor:

Dr. Baltazar Samuel Muianga

Maputo, Setembro de 2021



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
Departamento de Sociologia

Trabalho de fim de Curso

Um estudo em torno da exclusão dos jovens tatuados na Polícia da República de Moçambique

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autora:

Nira Bernardo Zeula

Presidente do Júri Supervisor Oponente

Maputo, Setembro de 2021

Declaração de Honra

Eu, **Nira Bernardo Zeula**, Declaro, por minha honra, que o presente trabalho de fim do curso nunca foi apresentado, na sua essência para obtenção de nenhum grau. E que constitui o resultado da minha investigação pessoal.

Maputo, Setembro de 2021

Nira Bernardo Zeula

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus, o maior orientador da minha vida. Ele nunca me abandonou nos momentos de necessidade.

Agradecimentos

Agradecimentos, em primeiro lugar, aos meus pais Bernardo Zeula e Leonor Massinga pela vida e educação, à minha irmã Ercília Zeula, por suportar os meus estudos desde a oitava classe e ajudar-me sempre que preciso, ao meu namorado Hugo Bungueia, por me ter dado todo suporte moral e financeiro durante esta caminhada.

À minha filha Nicole Nhantumbo, por ser a minha maior alegria. Aos meus irmãos Crimildo Zeula, Leonildo Zeula e Begilda Zeula, por todo apoio moral durante todo meu percurso académico.

Aos meus colegas e amigos do curso, pela amizade, debates e ajuda na compreensão da matéria. Aos meus docentes, sem excepção, pela transmissão de conhecimentos, em especial, ao meu supervisor, Dr. Baltazar Muianga, que sempre me apoiou e me ajudou a atingir esta meta.

Por último, mas não menos importante, a todos os agentes da Polícia da República de Moçambique, em particular, ao Ministério do Interior, por terem colaborado nas entrevistas.

Resumo

O presente trabalho, intitulado: um estudo em torno da exclusão dos jovens tatuados na Polícia da República de Moçambique, tem em vista analisar o critério que a Polícia usa para excluir os jovens tatuados indo ingresso nas suas fileiras. Este estudo é de carácter qualitativo, sendo que, para a recolha de dados, se privilegiaram as conversas suportadas por uma entrevista guiada e feita a dez funcionários afectos a Polícia da República de Moçambique .

O epicentro do trabalho é a exclusão dos jovens com tatuagens para tal, chegámos a duas conclusões: a primeira tem em vista analisar o critério que consiste na institucionalização implícita das normas e regras de exclusão dos jovens tatuados da corporação. Implícitas porque essas normas e regras não constam do regulamento de recrutamento dos potenciais polícias, embora os funcionários daquela instituição as interiorizem e as executem na sua totalidade. A segunda prende-se com o facto de os jovens serem excluídos da Polícia da República de Moçambique devido ao estigma e estereótipos que os agentes têm em relação aos candidatos tatuados, visto que a corporação associa estes indivíduos de conduta desviante e ou pertencentes a redes criminosas.

Palavras chave: *Juventude Tatuagem.*

Abstract

The present work entitled, : a study on the exclusion of tattooed youth in the Ministry of Interior in Mozambique aims to understand the objective meaning that the Ministry of Interior uses to exclude tattooed youth from joining the defense and National security. The work is of a qualitative nature, for data collection, conversations supported in a guided interview were privileged. The work took place at the Ministry of Interior, where ten employees were interviewed.

The epicenter of the work is the exclusion of young people with tattoos from the ranks of the Ministry of the Interior, and for this, we reach two conclusions: the first one has in view the objective meaning, which consists in the implicit institutionalization of norms and rules that exclude tattooed young people in the corporation, whose norms and rules were not written in the military regulation, and at the same time we combine the subjective reality since the employees of this Ministry internalize these norms and execute them in their entirety. The second is that young people are excluded from the Ministry of Interior due to the excess of stigma and stereotypes that agents have in relation to tattooed young people, since the corporation allies tattooed young people as deviant individuals and/or belonging to criminal networks.

Keywords: *Youth and Tattooing..*

Índice

Declaração de Honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Introdução	1
CAPÍTULO I: Revisão da Literatura.....	4
1.2 Formulação de Problema	9
1.3 Hipótese de pesquisa.....	10
CAPÍTULO II. Enquadramento Teórico	11
2.1 Definição e Operacionalização dos Conceitos	13
2.2 Quadro de operacionalização dos Conceitos: Juventude e Tatuagem.	14
CAPÍTULO III: Metodologia	15
3.1 Técnicas de Recolha e Análise dos Dados.....	16
3.2 Questões Éticas	17
3.3 Constrangimentos do Trabalho de Campo.....	17
CAPÍTULO VI: Apresentação e Discussão de Resultados	18
4.1 -Perfil Sociodemográfico dos Participantes no Estudo.....	18
4.2 Perfis dos Jovens para o Ingresso no Quadro Pessoal no Ministério do Interior.....	19
4.3 Recrutamentos de jovens para o Ministério do Interior.....	20
4.4 Tratamento dos Jovens Tatuados para Ingresso no Ministério do Interior	21
4.5 As tatuagens e o Ingresso no Ministério do Interior	23
Conclusão.....	27
Referências Bibliográficas	29

Introdução

Em Moçambique, há o dilema de exclusão dos jovens possuidores de tatuagens quando estes pretendem ingressar no Ministério do Interior. Num olhar sociológico, essa prática deve merecer especial cuidado e atenção.

Partindo do pressuposto de que a Sociologia é a arte de desconfiança, como afirma Nietzsche, no nosso entender, as tatuagens feitas no corpo dos jovens, por um lado, propagam as significações simbólicas que fundamentam a existência individual e colectiva e não ferem, necessariamente, as normas socialmente aceites. Por outro lado, constituem o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular dos jovens. “Através do corpo, os jovens apropriam-se da substância de sua vida, traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilham com os membros da comunidade (Le Breton, 2010, pág. 7, apud Lima, 2017).”

Este fenómeno não é alheio a Moçambique, particularmente, para alguns jovens da cidade de Maputo, que, muitas vezes, carregam consigo desenhos ou marcas no corpo que simbolizam as vivências ou lembranças. É nesta senda que iremos constituir os jovens como principais informantes, visto que são actores capazes de justificar as suas acções.

Para o presente estudo, argumentamos que em Moçambique a proibição dos jovens tatuados se inserirem em actividades do Estado depende da maneira como cada sector institucionaliza as suas actividades, visto que a institucionalização e aplicação das normas sociais variam de sector para sector de actividade. É neste sentido que outros sectores, tais como o Ministério da Educação, Saúde, Turismo, entre outros, aceitam o ingresso de jovens tatuados enquanto o Ministério do Interior não aceita.

Possuir tatuagem não significa necessariamente ter comportamento desviante, porque o corpo tatuado carrega consigo as primeiras impressões de quem somos. As tatuagens são marcas da nossa personalidade. Elas estabelecem os significados da existência individual e colectiva do ser humano, por esse motivo, o corpo concentra em si a maneira como os jovens querem ser compreendidos na sociedade em que vivem. É nesta perspectiva que a expressão corporal é

socialmente modulável, dependendo em qual círculo social e ou cultural o indivíduo está inserido, quer dizer, a manifestação corporal representa o conjunto de dados da simbologia de um grupo social (Lima, 2017).

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que o corpo é uma das vertentes ou é um ângulo estudado pela sociologia, com a finalidade de compreender a corporeidade humana para explicá-la como fenómeno social e cultural. Neste sentido, o corpo torna-se o vector semântico repleto de significados por meio do qual a relação com o mundo é firmada. Pretendemos com isso reafirmar que, sob o ponto de vista sociológico, a tatuagem é vista como uma forma de linguagem, que “está intimamente ligada à organização social, apresentando motivos e temas que servem para exprimir diferenças de posição, privilégios de nobreza e graus de prestígio” (Lévis-Strauss, 1975, p. 292).

O presente estudo tem como objectivo geral analisar o critério que o Ministério do Interior usa para excluir os jovens tatuados do ingresso na Polícia da República de Moçambique. E especificamente identificar os critérios de seleção adoptados pelas forças de defesa e segurança nacional para a admissão do seu efetivo; Avaliar a relação existente entre os critérios adoptados para a admissão e a exclusão dos jovens tatuados para o ingresso naquela instituição..

A escolha do tema foi resultado da influência de algumas cadeiras leccionadas ao longo do curso, concretamente, a Sociologia da Cultura e Desigualdades e Estratificação Social. As duas cadeiras criaram interesse, porque, por um lado, as desigualdades e estratificação social mostram como a sociedade é estratificada em várias classes sociais, desde a antiguidade até aos nossos dias, enquanto a Sociologia da Cultura mostra as formas de convivência social que dependem meramente de questões culturais, salienta também os tipos de gostos que dependem da classe social em que o indivíduo está inserido.

Em termos culturais, a tatuagem sempre foi vista como meio de identificação e diferenciação do eu ou do grupo em relação aos outros. No entanto, essa visão varia conforme as normas sociais vigentes em cada realidade social. Ao observar as alterações de valores relacionados com a tatuagem, desde a sua origem histórica até ao seu contínuo uso na contemporaneidade, notam-se mudanças no contexto no qual era e ou é inserida e na modificação do olhar sobre ela (Marques, 2009). Assim, torna-se possível observar seus diferentes sentidos e significados, desde até aos

dias actuais.

A presente pesquisa torna-se relevante na medida em que a revisão da literatura mostra que, no contexto moçambicano, ainda não se abordou o tema: Um estudo em torno da exclusão social dos jovens com tatuagens na cidade de Maputo. Espera-se que este estudo contribua para o aumento de conhecimentos na área da Sociologia da Cultura assim como na cadeira de Desigualdades e Estratificação social. A pertinência do tema é de mostrar que devido à globalização as tatuagens são transmitidas e reproduzidas de contexto para contexto.

Igualmente, verifica-se que, cada vez mais, os jovens ostentam nos seus corpos diversos desenhos tatuados, o que significa que a exclusão profissional tende a crescer, sendo por isso relevante e pertinente eliminar as barreiras legais e sociais que subsistem para que esses jovens tenham uma carreira profissional, tal como qualquer outro jovem.

CAPÍTULO I: Revisão da Literatura

Os estudos revistos podem-se enquadrar em duas perspectivas distintas, por um lado, temos uma visão que aborda a tatuagem numa perspectiva cultural, e a outra olha a tatuagem como um meio de demarcação de inconformismo dos indivíduos no seio da sociedade, isto é, a tatuagem representa um dos meios pelo qual o indivíduo se apresenta contra o sistema vigente na sociedade, portanto, é um meio de luta. Na primeira perspectiva, destacamos autores, tais como: Sabino & Luz (2006), Le Breton (2006), Daólio (2006), Ferreira (2007), e Pérez (2006) e, na segunda perspectiva, destacamos os seguintes autores: Le Breton (2010), Marcel Mauss (2004) e Lima (2017), que analisam como o corpo é utilizado em forma de arma de oposição e de luta.

Em nossa sociedade, a norma é cada vez mais ligada a mecanismos de disciplinarização, correcção e vigilância que direccionam a vida e o corpo do sujeito, ou seja, os processos de nomeação e separação entre o sujeito normal e anormal são definidos pelos mecanismos responsáveis por adequar o corpo a uma ordem sociocultural (Baracuhy e Godoi, 2015).

Aliando-se a esta ideia, Sabino & Luz (2006) explicam que em diversas culturas de distintas complexidades, a tatuagem mobiliza olhares, reflecte sentimentos, classifica e ordena subjectivamente o fluxo intermitente de indivíduos que lhe servem de tela e que nela buscam distinções simbólicas.

Os autores mostram que as tatuagens entre os frequentadores assíduos das academias cariocas de musculação e fisiculturismo classificam indivíduos pertencentes a subgrupos específicos numa lógica de “assimilação do mais longínquo conjuntamente a uma diferenciação máxima vis-à-vis do próximo” (Sabino & Luz, 2004). Os mesmos desenhos tatuados, com suas variantes, podem ser encontrados entre subgrupos diferentes, da mesma forma que no seio de um mesmo subgrupo podem coexistir motivos bastante diferentes (Sabino & Luz, 2004). Uma águia pode ser representada de inúmeras maneiras, aludindo a significados distintos para secções distintas, ou ter o mesmo significado para um grupo específico, porém, sendo representada por estilos diferentes; formas que tendem a demarcar a singularidade daquele que porta o desenho. Essa diversidade faz alusão à lógica da diferença presente entre os ameríndios, em que o mundo é visto e compreendido como movimento incessante, “um todo interconectado de seres, com

intencionalidade e agência semelhantes à nossa, capazes de adoptar um ponto de vista”(Sabino & Luz, 2004).

Sabino & Luz (2006) concluem que a maioria dos tatuados escolhem seus desenhos, após uma decisão pessoal que expressa a vontade de distinção. Tatuando-se, buscam singularizar suas figuras, sempre lhes conferindo uma característica diferencial, um detalhe específico; alguns até mesmo “inventam” seus desenhos ou “carregam” no estilo do mesmo ao se dirigirem ao tatuador. Toda essa atitude é engendrada na busca de uma individualidade relacionada com a concepção de livre arbítrio e da distinção daquele que faz suas escolhas, pelas quais se vê como plenamente responsável. De facto, segundo Sanders (1989), a tatuagem é um meio de individuação que tem a tarefa de demarcar a diferença em relação ao outro, tatuado ou não.

Ainda na visão cultura lista, destacamos Le Breton (2004), que entende que as tatuagens “são rituais íntimos de fabricação do sentido.” Mas Le Breton reconhece que vivemos, nos dias actuais, como diz Giddens (2000, p. 5), numa ordem social global que as pessoas não compreendem plenamente, mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós: “a globalização”. Portanto, as nações, ao mesmo tempo em que se desassociam dos vínculos culturais, os ampliam em outros níveis. É nesta visão que Daólio (2006) destaca que as informações são repassadas com grande velocidade entre diferentes contextos culturais, através dos equipamentos e aparatos tecnológicos presentes nos dias actuais, o que influencia as relações estabelecidas entre o corpo e a cultura na contemporaneidade. Tornou-se difícil considerar o corpo como forma de identificação de determinado grupo social, já que temos acesso facilmente à informação de uma diversidade de culturas. O autor afirma que, embora a “identificação corporal” ainda seja válida, há algumas diferenças significativas por conta desta “sociedade complexa”, em que tudo é transmitido com tanta rapidez resultante da globalização e da evolução de tecnologias de alta velocidade (Daólio, 2006, p. 56).

Apesar de Daólio (2006) negar parcialmente que o corpo é uma das formas de identificação de um grupo social, Le Breton discorda totalmente dessa visão, visto que ele entende que, na actualidade, há diversos olhares lançados sobre o corpo, estabelecendo diferenças grupais e novas significações (Le Breton, 2004). Esta tendência de massificação da tatuagem como meio de comunicação corporal que marca diferenças grupais é notável em Moçambique, concretamente

na cidade de Maputo, onde predominantemente encontramos jovens com corpo tatuado com diversas figuras ou objectos, de acordo com a classe social a que pertencem e com significados diferentes. Outro elemento diferencial é a qualidade dos desenhos que varia de jovem para jovem.

Essas novas formas de relacionar-se com o corpo destacaram-se a partir da década de 1960, quando o sujeito passou a demonstrar seu poder sobre sua própria aparência, podendo modificá-la conforme o avanço dos aparatos tecnológicos, que surgiram com intuito de mudar os moldes corporais (Le Breton, 2004). O corpo passou a servir como palco para grandes investimentos tecnológicos, transformado, muitas vezes, para além de sua condição fisiológica, na busca do arquétipo ideal (Le Breton, 2004 *apud* Fraga, 2001).

É nesta senda que Le Breton (2006, p. 19) entende que o corpo é “socialmente construído”, sendo a construção da identidade associada à relação do sujeito com seu corpo no mundo. Nesse sentido, observa-se que o corpo é tido como um importante instrumento de significação (Le Breton, 2006). É possível perceber uma alteração no modo como ele é visto e percebido ao longo dos anos, conforme o meio em que está inserido. Porém, é notável, principalmente, uma diferença na forma como o corpo vem sendo vivido na actualidade. Sendo assim, Le Breton (2004, p. 7) acrescenta que “o corpo já não é uma versão irreduzível de si, mas uma construção pessoal, um objecto transitório e manipulável, susceptível de variadas metamorfoses segundo os desejos do indivíduo”.

De acordo com Ferreira (2006, p. 77), na actualidade, há uma nova visão sociocultural sobre o corpo, segundo a qual ele “pode ser submetido a permanentes operações de reconfigurações por parte das várias indústrias de design, produção e reprodução corporal disseminadas no tecido social”. A indústria de design corporal ressalta o sentimento de liberdade do indivíduo sobre a “respectiva construção identitária”, e procura passar para o consumidor a ideia das modificações corporais como resultado da autonomia do indivíduo, que Ferreira (2006, p. 82) associa o termo “indústria de design corporal” à forma como o mercado comercializa produtos e aparatos que possuem a finalidade de modificar, manipular ou manter a aparência do corpo. Para este autor, os diferentes utensílios para transformar a aparência do corpo são “comercializados” tanto em busca do modelo corporal ideal, presente, actualmente, na sociedade, quanto como forma de confrontá-

los. Le Breton também utilizou esse termo em seu livro *Sinais de Identidade* (2004, p. 19) para referir-se ao mercado actual de venda de produtos corporais que pode fazer de si o que quiser, sendo ele o detentor do poder sobre seu corpo (Ferreira, 2006, p. 82).

Nesse sentido, os jovens da cidade de Maputo, em busca de valores e referências próprias, procuram, através das modificações corporais, elementos que os singularizem e, ao mesmo tempo, façam com que se sintam pertencentes à sociedade existente ou a classes sociais específicas (Ferreira, 2006). Com essas modificações corporais, os jovens são excluídos socialmente.

Pérez (2006, p. 15) ressalta que “ser tatuado é, portanto, um caminho de construção da subjectividade, de inscrever nos corpos algo que os diferencia e os identifica”. Diferencia-os daqueles que os cercam, assumindo, através da marca corporal, algo que os caracteriza, mas, ao mesmo tempo, identifica-os com um símbolo que produz algum significado para quem o possui. Assim, as marcas corporais, em especial, as tatuagens, podem ser consideradas delimitações identitárias, servindo como fronteiras entre o íntimo do sujeito e seu exterior. Alguns jovens da cidade de Maputo utilizam essas marcas corporais para afirmar sua existência perante o olhar de seus pares. Segundo Pérez (2006), a tatuagem passa actualmente a representar a diferenciação daqueles que a possuem, como forma de singularização deles dentro da multidão, fazendo com que se destaquem no meio ao qual pertencem.

A segunda perspectiva aborda a tatuagem como meio de manifestações sociais e de luta. Em David Le Breton (2010), discute-se sobre o corpo humano e sua utilização e representação na sociedade. Com isso, o autor analisa o corpo, na sociedade, como ele é entendido e utilizado como arma de oposição e de luta. Destaca ainda as diferentes maneiras de se compreender o corpo em determinados grupos sociais, trazendo, ainda, uma discussão histórica sobre o assunto, pois, a partir dos anos de 1960, surge um novo imaginário social, onde o corpo passa a ser tratado como uma posse, um atributo, um outro, um alter ego.

Nesta vertente, Le Breton (2010) defende que o corpo representa um dos meios com o qual o indivíduo se apresenta contra o sistema vigente na sociedade, portanto, é um meio de manifestações sociais, exemplos disso são o surgimento do “feminismo, a ‘revolução sexual’, a expressão corporal, o body-art” entre outros (Le Breton, 2010, pág. 9).

Outro autor que trabalha essa temática é Marcel Mauss (2004). Este refere que o corpo deve ser entendido como um campo moldado pelas interações sociais, às vezes, conflitantes. Tudo que nos cerca serve de ‘inspiração’ para nos identificarmos e entendermos como somos diante dos outros. Essas ‘inspirações’ são percebidas em todos os lugares de convivência, e, principalmente, no grupo social em que o indivíduo faz parte. As expressões corporais sofrem uma adaptação constante a objectos físicos, mecânicos ou químicos, em uma constante de perfeições individuais, montadas pela sociedade.

Lima (2017) argumenta que o corpo, entendido como campo de luta, torna-se um importante elemento também de resistência. Na contemporaneidade, o corpo passa a ser utilizado como instrumento de arte, uma arma contra o sistema opressor vigente. Dar-se-á a origem da body-art.

Resumindo as visões destes autores, em geral, podemos dizer que os jovens, em busca de valores e referências próprias, procuram, através das modificações corporais, elementos que os singularizem e, ao mesmo tempo, façam com que se sintam pertencentes à sociedade existente, sendo assim, pode-se afirmar que o corpo passou a ser um valioso património, através do qual o indivíduo pode expressar sua identidade, marcar sua presença, ressaltar suas diferenças e indignação num mundo tendencialmente padronizado (Ferreira, 2006).

É nesta perspectiva que se pode afirmar que, nos dias actuais, o corpo passou a ser visto como uma forma de marcar presença, tornando-se comum acrescentar-lhe alguma marca a fim de individualizar-se (Le Breton, 2004). Ele é considerado o “recinto objectivo da soberania do sujeito e, como tal, factor fundamental na construção de sua subjectividade” (Pérez, 2006, p. 15). Dessa forma, as diferentes formas de modificar a aparência podem ser compreendidas como o meio pelo qual os indivíduos distinguem sua presença no mundo e manifestam sua singularidade (Le Breton, 2006).

Sendo assim, embora pertencente a determinadas culturas, o homem não actua somente como um representante fiel da sociedade em que vive, mas como um ser detentor de consciência que o permite mediar o nível social e pessoal, estando apto a fazer suas escolhas dentro da sociedade em que está enraizado. Dessa forma, pode-se entender o corpo, como objecto de consumo, sendo as tatuagens usadas como forma de transformação corporal, tanto em busca de beleza, quanto como forma de contestação do arquétipo presente na actualidade. Nesse sentido, cabe discutir e

contextualizar essas marcas corporais e suas representações ao longo dos tempos e na contemporaneidade, muito mais para o contexto moçambicano, onde se pretende desenvolver esta pesquisa.

O sentimento de identidade não é apenas uma emanção do fórum interior, ele mistura-se com o julgamento dos outros, como um factor de relação. A modificação corporal toca o sentimento de si, e, segundo o seu grau de visibilidade, arrasta uma mudança de percepção pelos outros. Segundo os seus valores pessoais, eles são mais ou menos afectados, favoráveis ou hostis, maravilhados ou chocados. O indivíduo marcado torna-se, contra sua vontade, uma espécie de analisador radical dos valores daqueles que ele acompanha.

1.2 Formulação do Problema

Como vimos na revisão da literatura, a tatuagem, por um lado, serve como um meio de identificação dos indivíduos no seio do grupo e, por outro lado, ela deve ser vista como um meio que os indivíduos usam para demonstrar seu inconformismo em relação ao regime vigente ou, por outras palavras, como um meio de luta, É neste sentido que se alia a tatuagem a comportamentos desviantes.

Apesar de Le Breton (2004) reconhecer que a tatuagem deixou de ser um sinal de radicalidade, as novas gerações se apropriaram dela como um dos elementos que fazem parte de sua cultura e está presente no seu quotidiano e no meio em que se inserem. No entanto, existem relativizações a respeito dessa incorporação da tatuagem às formas de modificações estéticas socialmente aceites. É diante desta dicotomia de visões sobre a tatuagem que pretendemos situar-nos neste trabalho.

Ainda na revisão da literatura, descobrimos que esta abordagem é quase nula na perspectiva do seu desenvolvimento em trabalhos científicos, em Moçambique. Daí que Kent (2011) propõe que novos estudos devem ser feitos com o objectivo de apurar os “determinantes sociais” que influenciam a decisão de se ter uma tatuagem, assim como quais os processos conducentes a essa aquisição ou à intenção de adquiri-la. Ao contrário das pesquisas actuais, a autora sugere que o foco dos estudos deve abarcar questões sobre quais são as atitudes em relação a essa arte

presente no corpo, e quais são as atitudes dos jovens que as possuem.

Uma visão idêntica é trazida por Levy e Guinot (2011), que explicam que, apesar da crescente busca da tatuagem por pessoas de todas as idades, profissões e classes sociais, pouco se sabe sobre as características e o comportamento das pessoas que a possuem. Nessa mesma direcção, Le Breton (2004) fala da importância de buscar, a partir de novos estudos, a relação existente entre a tatuagem e o comportamento dos indivíduos que a possuem.

Assim, neste estudo, pretendemos fazer esta ligação. Partindo do pressuposto de que ,no contexto moçambicano, os jovens com tatuagens no corpo são vistos como inaptos para ingressar no Ministério do Interior. Le Breton concorda com esta visão, porque ele explica que a tatuagem constitui insígnia de marginalidade, marca de resistência ao crime e de drogados (Le Breton, 2004, *apud* Baracuhy e Godoi, 2015). Daí que os jovens que possuem a tatuagem são automaticamente excluídos do ingresso no Ministério do Interior para exercerem o seu direito cívico. Diante deste olhar, levantamos a seguinte pergunta de partida: *Qual é o critério que a Polícia da República de Moçambique usa para a exclusão dos jovens tatuados de ingressarem nas suas fileiras?*

1.3 Hipótese de pesquisa

H1- A Polícia da República de Moçambique considera os jovens tatuados como pertencentes ao mundo dos infractores e criminosos, daí que são excluídos do ingresso na corporação.

CAPÍTULO II. Enquadramento Teórico

Neste capítulo, apresentamos o quadro teórico e os conceitos que usamos ao longo da nossa pesquisa. Assumimos que a fundamentação normativa sobre a exclusão dos jovens no ingresso no Ministério do Interior, é socialmente construídos processos de interacção entre os actores sociais e tendo em conta o contexto em que estão inseridos. Neste sentido, entendemos que a teoria da construção social da realidade defendida por Berger & Luckman (1978) é a que melhor explica a nossa temática.

Segundo aqueles autores, toda realidade é socialmente construída pelos actores sociais nos seus processos interactivos do quotidiano. A realidade é construção social na medida em que o homem que a constrói é produto social saído de um processo dialéctico entre realidade objectiva e a realidade subjectiva (Berger & Luckman, 1978).

Na óptica de Berger & Luckman (1978), a realidade objectiva refere-se à institucionalização das normas e regras que conduzem a interacção entre os actores sociais e a realidade subjectiva. Ela é referente à interiorização, por parte destes actores sociais, dessas normas e regras sociais, o que lhes permite a interpretação e atribuição de sentido aos acontecimentos e factos que os rodeiam. É através do uso da realidade objectiva que o Ministério do Interior institucionaliza normas que excluem jovens tatuados do ingresso naquela instituição. E a realidade subjectiva verifica-se quando os funcionários daquela instituição interiorizam essas normas e executam. É assim como Berger & Luckman (1978) sublinham que a realidade social é uma realidade objectiva e, igualmente, subjectiva, existente institucionalmente e interiorizada pelos indivíduos através da socialização.

Em outras palavras, Berger & Luckman (1978) defendem ser na realidade objectiva onde se cria uma determinada realidade, através de um processo de institucionalização que consiste na tradução dos elementos culturais (símbolos, valores, representações) em normas que orientam o comportamento dos indivíduos de uma determinada colectividade, no caso concreto, o Ministério do Interior, que instituiu normas que excluem no ingresso nas suas fileiras os jovens tatuados. É o que Durkheim chamou de facto social, ou seja, algo que se impõe aos indivíduos independentemente da sua vontade, possuindo, por isso, um carácter exterior e coercivo.

As instituições, quando cristalizadas num determinado contexto, se exprimem de forma

objectiva, algo existente e que determina o comportamento dos indivíduos, suas interações com os outros e com o meio que os rodeia, ou por outras, quando as regras, normas sociais e o regulamento do Ministério é instituído e socializado aos trabalhadores, estes interiorizam e passam a se manifestar como as regras ditam, daí que uns se conformam e os outros não.

No processo de socialização, os indivíduos apreendem as instituições sociais, aprendem a agir e se comportar de acordo com as regras, com as normas que a sociedade criou; os actores sociais interiorizam e precisam de agir de acordo com estas instituições sociais para que se possam relacionar com os outros. A subjectivação da realidade acontece na medida em que o indivíduo apreende e interioriza as instituições sociais e as usa para legitimar a realidade social. A realidade, enquanto socialmente construída, deve ser mantida externamente, nas relações entre os homens e, internamente, na forma como o indivíduo a apreende e a usa para interpretar o mundo (Berger & Luckman, 1978).

Apesar de possuir um carácter coercivo e exterior aos indivíduos, esta realidade objectiva é produto das interações entre os indivíduos. Berger & Luckman (1978) defendem que o homem é quem constrói a realidade e que, ao mesmo tempo, ele é produto da mesma realidade; o homem cria as regras, as normas e as instituições que, posteriormente, determinarão como ele se deve comportar e se relacionar com os outros. “A sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objectiva. O homem é um produto da sociedade” (Berger & Luckman, 1978:87).

Portanto, do ponto de vista da teoria de construção social da realidade, há um processo dialéctico na construção dessa realidade: por um lado, a institucionalização (das normas, regras de conduta e de interacção) e, por outro lado, a interiorização dessas instituições, um processo possível através da socialização a que os indivíduos estão sujeitos desde a nascença.

Operacionalmente, nos interessa, por um lado, estudar formas institucionalizadas pelo Ministério do Interior, que excluem os jovens tatuados do ingresso naquela instituição e, por outro lado, nos interessa perceber como estas formas de vivências são interiorizadas, replicadas e reproduzidas pelos funcionários do mesmo Ministério. Aliás, “toda actividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer acção frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão” (Berger & Luckman, 1978:77). A exclusão dos jovens do ingresso na Polícia da República de Moçambique, segundo esta teoria, é objectivada e é subjectivada a partir do momento em que é institucionalizada e

interiorizada pelos funcionários daquela instituição.

2.1 Definição e Operacionalização dos Conceitos

Neste trabalho, iremos definir os seguintes conceitos: *Juventude e tatuagem*.

Juventude é um grupo que possui posturas intrínsecas à condição juvenil; aquelas produções que apresentam a juventude como uma categoria social em que o todo pode ser subsumido a partir de características de um dos grupos que o compõe; e as que trazem a juventude como possuidora de características supraculturais, que se convertem em elementos universalizantes da condição juvenil (Trancoso & Oliveira, 2016). Numa outra perspectiva, Mattos (2008), Castro e Mattos (2009) e Debert (2010) definem a juventude, como um “processo de ressignificação dos vínculos primários, posicionando o jovem frente às múltiplas demandas de pertença no mundo de hoje” (Castro e Mattos, 2009, p. 795). No caso específico deste trabalho, o termo juventude se refere ao momento da vida humana que se estende desde o começo da puberdade até aos trinta e cinco anos.

Tatuagem é uma forma de modificação do corpo onde um desenho é feito inserindo tinta, corantes e pigmentos, indeléveis ou temporários, na camada do derme. As tatuagens se dividem em três grandes categorias: puramente decorativas (sem significado específico); Simbólica (com um significado específico pertinente ao usuário); Pictórica, descrição de uma pessoa ou item específico (Le Breton, 2006).

Numa outra visão, Carr (2005) define a tatuagem como uma das formas de modificação do corpo mais conhecidas e cultuadas do mundo. Trata-se de uma arte permanente feita na pele humana que, tecnicamente, consiste numa aplicação subcutânea obtida através da introdução de pigmentos por agulhas. Esse procedimento, durante muitos séculos, foi completamente irreversível (embora, dependendo do caso, as técnicas de remoção actuais possam deixar cicatrizes e variações de cor sobre a pele). A motivação para os cultuadores dessa prática é ser de uma obra de arte viva e temporal tanto quanto a vida (Carr, 2005). Para efeitos deste trabalho, adoptamos a definição de Carr (2005), visto que é uma definição completa ao considerar que a tatuagem é uma arte feita na pele humana que tecnicamente consiste no uso de agulhas para a introdução dos símbolos corporais.

2.2 Quadro de operacionalização dos Conceitos: Juventude e Tatuagem

Conceito	Dimensões	Indicadores
Juventude	Social	<ul style="list-style-type: none">✓ Indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos e igual ou inferior a 35 anos;✓ Indivíduos em crescimento;✓ Indivíduos com capacidade de enfrentar exercícios militares.
Tatuagem	Cultural	<ul style="list-style-type: none">✓ Desenho de figuras e símbolos comunicacionais postas na pele;✓ Obra de arte viva e temporal;✓ Modificação do corpo através de tinta, corantes e pigmentos, indeléveis ou temporários, na camada de epiderme.

CAPÍTULO III: Metodologia

Nesta fase, trazemos os elementos que respondem à pergunta: Como fazer? Isto é, o método, as técnicas de recolha de dados e a definição da amostra, que são ferramentas usadas para a materialização dos objectivos pré-definidos. Abordamos também as questões éticas e constrangimentos que enfrentámos ao longo da pesquisa.

O trabalho em curso é de carácter qualitativo. A abordagem qualitativa, “além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenómeno” (Richardson, 1999, p.79). Baseia-se nas ideias, significados e valores que o autor atribui ao seu objecto (Lakatos & Marconi, 2008). Esses elementos justificam a escolha dessa abordagem.

Este tipo de pesquisa não apresenta uma amostra elevada em termos de número, mas permite a exploração minuciosa do assunto sem preocupar-se com questões de representatividade, o que faz com que os dados obtidos sejam válidos para o contexto em que o trabalho foi realizado (Lakatos & Marconi, 1992; Selltiz, 1965).

Segundo Bogdan & Biklen (1994) muitas são as características da pesquisa qualitativa, dentre as quais cabe mencionar algumas manifestações deste método de investigação. A pesquisa qualitativa trabalha com um universo marcado por significados, sentimentos, crenças, valores e atitudes. Isso equivale dizer que ela se preocupa com as dimensões do real que não podem ser reduzidas a simples operacionalização de variáveis. Sendo assim, nesta pesquisa se pretende compreender a partir da gestão da Polícia da República de Moçambique o porquê da exclusão dos jovens com tatuagem no corpo do ingresso no quadro do seu pessoal.

Contudo, a abordagem qualitativa privilegia os dados produzidos pelos próprios actores sociais no decurso do seu processo de interacção interpessoal e grupal (Albano, 2016). É nesta visão que se colocam os funcionários da Polícia da República de Moçambique como actores principais neste estudo porque eles produzem um conhecimento realístico sobre o porquê da exclusão dos jovens com tatuagem naquela instituição.

No que concerne ao universo, a pesquisa abrangeu os responsáveis pelo recrutamento de

candidatos para a Polícia da República de Moçambique , mais concretamente, afectos ao Comando Provincial da Cidade de Maputo. Os entrevistados têm idades compreendidas entre 40 e 50 anos e como mínimo de 10 anos de experiência naquela área. A escolha desta faixa etária não foi ao acaso, visto que, a maioria deles possui experiência de trabalho e dominam o regulamento da instituição.

Num universo de 15 funcionários, seleccionou-se uma amostra composta por 10, dos quais 6 homens e 4 mulheres. Escolhemos funcionários de ambos os sexos porque pretendemos criar equidade em termos de opinião dos dois géneros sobre a exclusão dos jovens tatuados do seu ingresso no Ministério do Interior. Estes trabalhadores estão estratificados hierarquicamente da seguinte maneira: um comandante, dois militares da guarda fronteira, cinco polícias de protecção, uma secretária do General e uma repórter da Polícia da República de Moçambique. Esta diferenciação em termos de hierarquia dos entrevistados foi da opção da entrevista dora, pois tinha em vista avaliar o entendimento das diferentes forças instituídas pelo Ministério sobre a temática.

3.1 Técnicas de Recolha e Análise dos Dados

No que tange às técnicas de recolha de dados, privilegiou-se as conversas suportadas por uma entrevista guiada. A conversa permitiu estabelecer maior interacção e abertura com os trabalhadores (Delgado & Muller, 2005). A finalidade desta técnica é de deixar os funcionários mais à vontade para exteriorizarem as suas percepções e vivências em torno da vida militar.

A entrevista guiada permitiu direccionar a conversa e criar maior objectividade sobre o tipo de perguntas a fazer aos trabalhadores de modo a não se deslocarem do foco, de modo a atingir-se os objectivos da pesquisa pré-definidos. A entrevista decorreu em dois lugares, nomeadamente: nas salas das secções do Ministério do Interior e no gabinete do Comandante-Geral.

Para termos acesso aos funcionários, foi preciso apresentar credencial da Universidade e a carta dirigida ao Director Geral do Comando Provincial da Cidade de Maputo. O trabalho de campo decorreu nos meses de Janeiro e Fevereiro do ano 2021, na cidade de Maputo, concretamente, no Comando Provincial da Cidade.

3.2 Questões Éticas

Em termos éticos, observou-se o consentimento informado aos funcionários, isto é, antes da conversa com os entrevistados, houve uma breve explicação sobre o que se pretendia fazer com o trabalho, mostrando-se a credencial, como elemento de identificação, o que permitiu a minimização de medo dos entrevistados em relação ao entrevistador. A partir desse pressuposto, os trabalhadores podiam aceitar ou não fazer parte do estudo. De igual modo, os entrevistados tinham a liberdade de escolher se os seus nomes podiam constar no trabalho de forma fictícia ou verdadeira. Por causa da natureza do trabalho, eles preferiram que os nomes fossem fictícios para evitar futuras represálias na instituição.

3.3 Constrangimentos do Trabalho de Campo

Em qualquer trabalho científico, seja qual for a natureza, não se exclui a possibilidade de encontrar, durante a sua realização, constrangimentos, que partem desde a sua concepção até à sua conclusão. No que se refere ao nosso trabalho, há que referir que, para a concretização do mesmo, tivemos dificuldades de várias ordens, tais como: a dificuldade de permissão para falar com o Director Geral do Comando Provincial da Cidade de Maputo, daí que tenha sido preciso dirigir uma carta de apresentação que detalhava o objectivo e o alcance do trabalho, para se ter aval para a realização do estudo.

Durante o encontro, o Director questionou se o trabalho era de carácter político. E a resposta foi que não. Referimos que o trabalho tinha um carácter monográfico para a conclusão de um curso de licenciatura em Sociologia, como estava contemplado no credencial passado pelo Registo Académico do Departamento de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Este receio mostra que a lei de “acesso à informação” está aquém das nossas expectativas. Segundo, chegada a fase das entrevistas, houve imensas dificuldades pelo facto de os funcionários entrevista dos terem mostrado reservas nas respostas, isto é, não respondiam devidamente às nossas perguntas, acreditando que isso se terá devido ao receio de eles espalharem informações de sigilo profissional, para depois sofrerem represálias. Para ultrapassarmos este problema, explicámos aos entrevistados que as questões eram superficiais e que não perigariam a instituição.

CAPÍTULO VI: Apresentação e Discussão de Resultados

Este capítulo está estruturado em três subcapítulos. O primeiro trata do perfil sociodemográfico dos participantes no estudo; o segundo aborda os critérios de selecção adoptados para ingresso na Polícia da República de Moçambique ;o terceiro é relativo à relação existente entre os critérios adoptados para a admissão e a exclusão dos jovens tatuados no corpo para o ingresso na polícia da República de Moçambique.

4.1 Perfil Sociodemográfico dos Participantes no Estudo

Nesta secção, trazemos o perfil socio demográfico dos trabalhadores entrevistados, tomando como base algumas variáveis, tais como: idade, cargo, anos de trabalho, proveniência e nível de escolaridade, como podemos constatar a seguir. Os entrevistados são do sexo masculino feminino. Em termos de intervalo de idades, estes variam entre 40 e 55 anos, sendo que grande parte deles se situa na faixa etária dos 40 a 50 anos de idade. No que concerne ao cargo, os entrevistados são constituídos da seguinte maneira: um comandante, dois militares da Guarda Fronteira, cinco polícias de protecção, uma secretária do General e uma repórter do gabinete de comunicação e imagem da Polícia da República de Moçambique.

Os funcionários entrevistados são de diferentes províncias, a saber: Maputo, Inhambane, Sofala, Nampula e Niassa. No que concerne aos anos de trabalho, uns têm dez anos de trabalho e outros rondam no intervalo entre 12 e 20 anos de trabalho naquela instituição. Em termos de nível de escolaridade, todos entrevistados frequentaram no mínimo o nível médio do Sistema Nacional de Educação, factor que facilitou a comunicação entre os entrevistados e o entrevistador.

O perfil sociodemográfico demonstra a predominância de funcionários com idades que variam entre 40 a 55 anos, alguns destes funcionários ocupam cargos estratégicos na Polícia, e trabalham naquela instituição há mais de dez anos, daí que possuam experiências significativas da actividade que desenvolvem e são trabalhadores que, no mínimo, possuem a 12ª classe do Sistema Nacional de Ensino.

4.2 Perfis dos Jovens para o Ingresso no Quadro do Pessoal da Polícia da República de Moçambique

Para ingressar na Polícia da República de Moçambique os jovens devem aparentar idoneidade, e se apresentarem sem quaisquer elementos estéticos que alterem a sua aparência natural, tais como: tatuagem, piercing e dreds. A seguir apresentamos alguns depoimentos dos nossos entrevistados:

A Polícia da República de Moçambique pauta pela idoneidade dos seus agentes. Um agente da Polícia da República de Moçambique tem que ser um exemplo da nação, um espelho da sociedade e não um duvidoso ou um estranho no olhar das pessoas, como é o caso dos jovens tatuados, com dreds e outras marcas corporais. Qual é a imagem que deixam para a sociedade? (Entrevista 1, 22.01.2021).

O que eu sei é que a Polícia da República de Moçambique é um espelho nacional em termos de comportamento dos seus agentes, porque a nossa missão é repor a ordem na população. Daí que nós não podemos ser os primeiros suspeitos em termos de comportamento, por isso que no acto de selecção dos jovens para enquadrá-los nas fileiras da Polícias e deva ter essa rigorosidade para se seleccionar jovens exemplares, sem tatuagens (Entrevista 4, 22.01.2021).

As normas da nossa instituição são claras, queremos jovens promissores em termos de comportamento, o perfil destes não pode ser duvidoso, você sabe, os jovens tatuados, com dreds podem ser vistos como pessoas surumáticas, então, a Polícia não pode admitir esse tipo de jovens (Entrevista 8, 23. 01.2021).

Como se pode notar nos depoimentos, há perfis pré-definidos pela polícia em termos de imagem ou comportamento de jovens que devem enquadrar as suas fileiras, daí que Berger & Luckman (1978) afirmem que as instituições, quando cristalizadas num determinado contexto, se exprimem de forma objectiva, algo existente e que determina o comportamento dos indivíduos, suas interacções com os outros e com o meio que os rodeia.

4.3 Recrutamentos de jovens para a Polícia da República de Moçambique

No que concerne aos critérios de recrutamento e selecção para o ingresso na Polícia da República de Moçambique, o regulamento não aprofunda tanto em termos de que jovens são elegíveis e os não elegíveis. Os entrevistados acrescentaram alguns critérios previstos no artigo no artigo 37 da Lei nº16/2013, de 12 de Agosto da Polícia da República de Moçambique, tais como: os jovens devem ser de nacionalidade moçambicana originária, ser voluntário, ter condição física e psíquica compatível com a função de polícia, ter compleição física adequada para o exercício da função, possuir formação académica adequada para o exercício da função, ter aprovado nos procedimentos de selecção para o curso, serem maiores de 18 e menores ou iguais a 30 anos, como podemos ver nos depoimentos abaixo:

Os critérios de selecção dos jovens são evidentes e claros: ter nacionalidade moçambicana originária, não ter problemas de saúde física e mental que impossibilitem o exercício militar (Entrevista 10, 02.02.2021).

Para além dos tradicionais critérios que se usam para o recrutamento e selecção dos jovens que são ter nacionalidade moçambicana, estar bem fisicamente e mentalmente, na actualidade, já se cria outros critérios, por exemplo, para entrar na Polícia da República de Moçambique (PRM), nas Alfândegas assim como na Guarda Fronteira ou SENIC, é preciso possuir, pelo menos, a 10ª ou 12ª classe até curso superior para determinadas funções (Entrevista 2, 23.01.2021).

Os critérios aqui destacados foram plasmados pela Polícia como regras para o recrutamento do pessoal para fazer parte do quadro pessoal da corporação. Verificámos também que, por causa das novas dinâmicas de desenvolvimento, incluindo a globalização que muda as formas de ser e de estar das pessoas, as exigências dos serviços militares vão mudando com o tempo, dando resposta a estas tendências comportamentais dos indivíduos, daí que a Polícia da República de Moçambique cria inovações em relação aos critérios de recrutamento e selecção dos jovens que pretendem ingressar no seu quadro pessoal. Por exemplo, o regulamento prevê que, em tempo de guerra, as idades estabelecidas para o cumprimento de obrigações militares podem ser alteradas por lei. Isto mostra que o recrutamento militar dos jovens varia com o contexto histórico que o país atravessa.

Como se pode notar, a instituição destes critérios é uma construção social, na medida em que a Polícia da República de Moçambique busca critério de recrutamento e selecção dos jovens que acha ser ideal para o seu bom funcionamento.

4.4 Tratamento dos Jovens Tatuados para Ingresso na Polícia da República de Moçambique

A Polícia da República de Moçambique é um organismo que trabalha com normas e regras preestabelecidas. Foi neste entender que questionámos sobre qual era o tratamento dos jovens que possuem tatuagem e que queiram ingressar na Polícia da República de Moçambique . Os entrevistados responderam que, pese embora o regulamento não proíba o ingresso dos jovens tatuados na Polícia da República de Moçambique, muitos candidatos reprovam no processo de recrutamento e selecção por causa das tatuagens, pois se presume que o candidato tatuado faz parte de uma organização criminosa e que quer entrar na corporação para buscar informações, como se pode notar nos depoimentos abaixo:

Os jovens recrutados não podem aparentar serem marginais aos olhos da sociedade que servimos, essa é uma questão moral (Entrevista 9, 02.02.2021).

Gostaria de deixar claro sobre o que acontece mesmo no acto de recrutamento e selecção dos jovens, não é o regulamento que proíbe a selecção de jovens com tatuagem, mas há questões morais e éticas que a nossa instituição, como espelho da nação, tem que seguir, somos contra redes criminosas, e, na nossa sociedade, pessoas com tatuagens e dreds são aliadas ao consumo de drogas e prática de crimes. Essa é a razão (Entrevista 1, 22.01.2021).

A exclusão dos jovens tatuados não vem do regulamento da instituição, mas, sim, é uma forma encontrada pelos agentes para não misturar comportamentos duvidosos com comportamentos ajustados à sociedade, e este tratamento é para todos os géneros (Entrevista 5, 02.02.2021).

Não existe nenhum regulamento que proíba a selecção dos jovens tatuados, todavia, os que estão no processo de selecção dos candidatos têm excluído os jovens com tatuagens, principalmente, em lugares visíveis. Estes jovens são considerados como pessoas aliadas a redes de crime e enquadrar na corporação pode ser uma fonte de informação para os criminosos (Entrevista 3, 22.01.2021)

De acordo com o Artigo 37, da Lei n.º16/2013, de 12 de Agosto de Revisão da Lei da Polícia da República de Moçambique, e dos depoimentos dos agentes entrevistados, fica claro que o regulamento da polícia da República de Moçambique não tem nenhuma cláusula que, no acto de recrutamento e de selecção, exclui os jovens tatuados da sua corporação, mas sim os seus agentes recorrem a questões éticas e morais para justificar a exclusão dos jovens que possuem tatuagens assim como dreds, porque, segundo eles, são aliados a comportamentos duvidosos assim como desviantes, visto que, na nossa sociedade, as pessoas com dreds e tatuagens são vistas como surumáticas e ou aliadas a redes criminosas.

Os entrevistados acrescentam que a exclusão dos jovens é aplicada seja a homens assim como a mulheres. Subsidiando estas ideias com as de Berger & Luckman (1978), podemos afirmar que a realidade é a construção social na medida em que o homem que a constrói é produto social saído de um processo dialéctico que envolve a realidade objectiva e a realidade subjectiva.

Na óptica de Berger & Luckman (1978), a realidade objectiva refere-se à institucionalização das normas e regras que conduzem a interacção entre os actores sociais, enquanto a realidade subjectiva é referente à interiorização, por parte destes actores sociais, dessas normas e regras sociais, o que lhes permite a interpretação e atribuição de sentido aos acontecimentos e factos que os rodeiam. É com base na realidade objectiva que os agentes da Polícia da República de Moçambique institucionalizam normas socialmente aceites para excluirmos jovens tatuados do ingresso naquela instituição. E a realidade subjectiva verifica-se quando os funcionários daquela instituição interiorizam estas normas e as executam. É neste dia são que Berger & Luckman (1978) sublinham que a realidade social é uma realidade objectiva e, igualmente, uma realidade subjectiva, existente institucionalmente e interiorizada pelos indivíduos através da socialização.

4.5 Jovens Tatuados e o Ingresso na Polícia da República de Moçambique

Na sociedade moçambicana, os indivíduos são caracterizados consoante as suas características sejam elas físicas sejam comportamentais. Foi neste sentido que questionámos aos entrevistados como é que a tatuagem influenciavam tipo de comportamento dos jovens. Os entrevistados responderam que os criminosos têm uma aparência peculiar, as suas maneiras de ser e de estar dizem algo, isto é, os comportamentos destes não são ajustados à sociedade; há alguns elementos físicos e comportamentais que caracterizam esse tipo de pessoas, como podemos ver nos depoimentos abaixo:

Quando um agente da Polícia da República de Moçambique, da Guarda Fronteira ou qualquer outro ramo, se encontra com um grupo de malfeitores, consegue descobri-los através do comportamento ou marcas no corpo (Entrevista 7, 02.02.2021).

Sabe! Até a própria população já conhece as características de um criminoso sem precisar de nenhuma formação, e pior nós que somos formados. Em qualquer parte do mundo as pessoas tatuadas são aliadas ao mundo do crime, e Moçambique não foge à regra (Entrevista 2, 23.01.2021).

Como se pode ver nos depoimentos, os comportamentos sociais são classificados em dois grupos: uns ajustados e outros desviantes, e o que vai determinar se um comportamento é desviante ou ajustado à sociedade são as próprias características físicas e comportamentais dos indivíduos. Os entrevistados consideram a tatuagem como uma das principais características que os criminosos possuem. Como dizem Berger & Luckman (1978), toda realidade é socialmente construída, sendo assim, caracterizar um comportamento como desviante ou ajustado à sociedade é uma construção social que varia de contexto para contexto e de uma época histórica para outra.

Quando questionados se o não ingresso dos jovens tatuados na Polícia da República de Moçambique não é uma forma de exclusão social, os inquiridos responderam que não é uma questão de exclusão social, mas, sim, é auto-exclusão individual, porque os jovens sabem, a priori, que qualquer jovem que tenha tatuagem, muito mais em lugares visíveis, não pode concorrer a Polícia da República de Moçambique, como mostram os depoimentos abaixo:

Eu acho que a não selecção dos jovens tatuados para a Polícia seja uma exclusão social. Os jovens é que se auto-excluem porque as regras são claras, todo moçambicano sabe que as pessoas tatuadas não têm oportunidade de ingressar-se na Polícia da República de Moçambique (Entrevista 3, 22.01.2021).

A questão não é exclusão dos jovens tatuados, mas é dar a justiça à própria imagem da Polícia da República de Moçambique. Imagine que a corporação apurasse os rasta mane pessoas cheias de tatuagens, qual seria a imagem que a Polícia iria transmitir para o mundo fora? (Entrevista 1, 22.01.2021).

Os entrevistados acreditam que o não ingresso dos jovens com tatuagens não é exclusão social, mas é uma forma que a Polícia encontrou para dignificar a sua imagem aos olhos da sociedade. Mas, apesar desta lógica trazida pelos entrevistados, neste trabalho considera-se o não ingresso dos jovens tatuados na Polícia da República de Moçambique uma forma de exclusão social, visto que a ideia de exclusão social é, geralmente, usada em referência a uma forma específica de desigualdade social, isto é, a exclusão social é um processo caracterizado pelo afastamento de pessoas de fazerem parte de uma instituição social.

A exclusão social diz respeito às formas pelas quais um indivíduo ou um grupo de indivíduos acabam sendo interditos do convívio com os outros grupos por meio de estereótipos e estigma. Por um lado, o Estereótipo é o conjunto de ideias ou modelos de imagem atribuída às pessoas ou grupos sociais, muitas vezes, de maneira preconceituosa e sem fundamentação teórica (Diana, 2008). E, por outro lado, o Estigma social é definido enquanto marca ou sinal que designa o seu portador como desqualificado ou menos valorizado, ou, segundo a definição de Erving Goffman: “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena” (Goffman, 2004, P.4). Para a sociologia, o estigma está relacionado com a identidade social dos sujeitos e dos grupos sociais. Estes dois conceitos mostram-se mais adequados para explicar a exclusão dos jovens tatuados do ingresso nas fileiras da Polícia da República de Moçambique, partindo do pressuposto de que os estereótipos e estigma são sinteticamente, sinais, ideias e impressões que os agentes da Polícia da República de Moçambique constroem, de forma preconceituosa, rotulando os jovens tatuados que pretendem ingressar na sua corporação como criminosos ou aliados aos criminosos.

Portanto, o estigma cumpre a importante função de designar os que pertencem e os que não pertencem a um determinado grupo, ou os “insiders” e os “outsiders”. O que de facto define esta relação é que o grupo estabelecido, ou aquele que possui o poder de categorizar ou seleccionar os demais, atribui a si e aos seus membros características humanas superiores. Isto o autoriza a excluir e diminuir o grupo que categoriza. A principal consequência deste tipo de relação é a negação de direitos e oportunidades ao grupo estigmatizado. Pode-se pensar na situação de jovens com tatuagens que pretendem ingressar nas fileiras da Polícia da República de Moçambique como um exemplo de estigma.

Olhando para a legalidade, podemos dizer que os jovens tatuados, ao serem excluídos da Polícia da República de Moçambique, estão sendo impedidos de exercer a sua obrigação de defender o seu país, a participar na defesa da independência, soberania e integridade territorial é dever sagrado e honra para todos os cidadãos moçambicanos.

Sinteticamente, podemos dizer que os jovens tatuados são excluídos das fileiras da Polícia da República de Moçambique, através de estereótipos e estigmas. Estereótipos são impressões utilizadas para julgar as pessoas e seus comportamentos. Assim, podemos intuir que, muitas vezes, essas avaliações estão intimamente relacionadas com o preconceito. O preconceito, tal qual o estereótipo, surge com as atribuições feitas sobre as pessoas. Assim, são lançados juízos de valor sobre determinado aspecto da sociedade, seja a classe social, a cultura, a religião, a etnia, a cor da pele, a preferência sexual. Assim, chegamos à conclusão de que os estereótipos fortalecem as ideias preconceituosas, ou seja, são a base de diversos tipos de preconceitos, os quais geram violência verbal ou física entre os indivíduos (Diana, 2008).

Fazendo uma relação entre as tatuagens e ingresso dos jovens na Polícia da República de Moçambique, podemos perceber que estes são excluídos socialmente daquela instituição devido ao estigma e estereótipos que os agentes da Polícia têm em relação aos jovens tatuados. E, finalmente, gostaríamos de frisar que, neste trabalho, consideramos a realidade objectiva como a institucionalização das normas e regras que conduzem a interacção entre os actores sociais, e a realidade subjectiva é referente à interiorização, por parte destes actores sociais, dessas normas e regras sociais. Sendo assim, é através do uso da realidade objectiva que a Polícia da República de Moçambique institucionaliza normas que excluem jovens tatuados para o ingresso no seu

quadro pessoal. E a realidade subjectiva verifica-se quando os funcionários daquela instituição interiorizam estas normas e as executam.

Conclusão

No presente trabalho, procuramos responder à pergunta: Qual é o critério que a Polícia da República de Moçambique usa para a sua exclusão dos jovens tatuados do ingresso no seu quadro pessoal? Esta pergunta é respondida pela seguinte hipótese: A Polícia da República de Moçambique considera os jovens tatuados como pertencentes ao mundo dos infractores e criminosos, daí que são excluídos daquela instituição.

No que concerne ao critério proposto neste trabalho, ele consiste na institucionalização implícita das normas e regras que excluem os jovens tatuados da instituição. Refira-se que essas normas e regras não estão prescritas no regulamento militar. Assim, achamos que, para a exclusão dos jovens tatuados da Polícia da República de Moçambique, se seguem questões morais e éticas.

Os dados revelam que, para o recrutamento e selecção dos jovens para a Polícia da República de Moçambique ,se usam os seguintes critérios: os jovens devem ser de nacionalidade moçambicana, não terem registo criminal ou terem sido condenados por uma pena criminal, não terem problemas de saúde que impossibilitem a sua capacidade física ou mental, serem maiores de 18 e menores de 35 anos.

O regulamento da Polícia da República de Moçambique não exclui o recrutamento e selecção dos jovens tatuados, mas, sim, os seus agentes recorrem às normas sociais para justificarem a exclusão dos jovens que possuem tatuagens assim como dreds, porque são aliados a comportamentos desviantes, visto que, na nossa sociedade, as pessoas com dreds e tatuagens são vistas como drogadas e ou aliadas a redes criminosas e, ao incorporá-las na corporação, podem criar uma falsa imagem da polícia e, de igual modo, podem ser uma fonte de informação para outros criminosos.

Verificamos também que, por causa das novas dinâmicas de desenvolvimento, incluindo a globalização, que muda as formas de ser e de estar das pessoas, as exigências dos serviços militares vão mudando com o tempo dando resposta a estas tendências comportamentais dos indivíduos, daí que a Polícia da República de Moçambique cria inovações em relação aos critérios de recrutamento e selecção dos jovens que pretendem ingressar no seu quadro pessoal.

Contudo, o não ingresso dos jovens com tatuagens é uma forma de exclusão social porque priva a liberdade dos mesmos de exercerem o seu direito cívico. Sucintamente, podemos dizer que os jovens tatuados são excluídos das fileiras da Polícia através de estereótipos e estigmas. Os estereótipos e estigma são sinais, ideais e impressões que os agentes da Polícia da República de Moçambique constroem, de forma preconceituosa, rotulando aos jovens tatuados que pretendem ingressar na sua instituição, como criminosos ou aliados a redes criminosas. Estereótipos são impressões utilizadas para julgar as pessoas e seus comportamentos, daí, podemos intuir que, muitas vezes, essas avaliações estão intimamente relacionadas com o preconceito.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. I. M. 2001. Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, v.12, n°2, p.103-123, 2. sem.

BARACUNHY, Regina; GODOI, Edileide. *Da marginalização ao glamour: o corpo tatuado nas redes de poder-saber e jogos de verdade do discurso midiático*. 2015.

CARR, Gillian. «Woad, Tattooing and Identity in Later Iron Age and Early Roman Britain». *Oxford Journal of Archaeology*. 24 (3): 273-292. 2005.

COSTA, Alfredo Bruto da, *Exclusões sociais*, Gradiva Publicações, Ltd

DAÓLIO, J. Corpo e identidade. In: MOREIRA, Wagner Wey. (Org.) *Século XXI: A era do corpo activo*. Campinas: Papyrus, 2006, p. 49-62.

ELIAS, N.; SOCTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

FERREIRA, V. S. *Marcas que demarcam: Corpo, tatuagem e bodypiercing em contextos juvenis*. 2006. 646 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Lisboa, 2006.

FERREIRA, V. S. 2001. Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo. In: PAIS, J. M.

FRAGA, A. B. *Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI*. In: SOARES, C. L. (Org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, p. 61-77.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. LTC, 1981.

GIDDENS, A. 2000. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record.

KENT, L. 2011. *Body Art and Body Image*. In: Cash, T. F.; Smolak, L. (Org.). *Body Image: a Handbook of Science, Practice, and Prevention*. 2. ed. London: The Guilford Press. P. 387-393.

LE BRETON, David, 1953. *A Sociologia do Corpo* / David Le Breton; tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LE BRETON, David, 2004. Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004.

LE BRETON, David, 2003. Adeus ao corpo, antropologia e sociedade. Campinas: Papirus.

LEITÃO, D. K. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. Cadernos IHU Ideias, São Leopoldo, v.16, n°2, p.1-24, mar. 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1975. As organizações dualistas existem? In: Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIMA, E. Janayna 2017. Marcado na Pele: a tatuagem como Forma de Expressão das Emoções.

MARQUES, T. 1997. O Brasil tatuado e outros mundos. Rio de Janeiro: Rocco.

MARQUES, T. 2009. Questão de pele. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v. 40, n°4, p. 22-25, jan.

MAUSS, Marcel. 2003. As técnicas do Corpo. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MOÇAMBIQUE. LEI DO SERVIÇO MILITAR; Lei 24/97 de 23 de Dezembro.

SABINO, C.; LUZ, M. T. 2006. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. Physis: Revista da Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.16, n°2, p. 251-272, 2. sem.

SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, C. L. (Org.). Corpo e História. Campinas: Ed. Autores Associados, 2001, p.3-23.

SOUSA, A. P. Os signos de representação do “eu” e do “outro”: a prática da tatuagem carcerária. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Faculdade de Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.104.

PEREIRA, Fabiana Maria Gama. 2007. Tatuagens, piercings e outras intervenções corporais. Aproximações Inter etnográficas entre Recife e Madri. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. 208p.

PÉREZ, A. L. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. Mana, Rio de Janeiro, v. 12, n°1, p. 179-206, abr. 2006.

Anexos

Questionário

Dados Sócio-demográficos

- Idade _____
- Cargo _____
- Anos de Trabalho nesta área _____

I Secção: Critérios de Selecção dos Jovens para admissão a Policia da República de Moçambique.

1. Que perfil os jovens devem possuir para ingressara Polícia da República de Moçambique?
2. Quais os critérios que se seguem para o recrutamento dos jovens para novo ingresso?
3. Qual é o tratamento dos jovens que possuem tatuagens que querem ingressar na Polícia da República de Moçambique?

II Secção: Diferentes Sentidos Atribuídos aos Jovens Tatuados

1. Qual é o significado que se dá aos jovens tatuados pela Polícia da República de Moçambique?
2. Há algum enquadramento legal que proíbe o ingresso dos jovens tatuados na Polícia do Interior?
3. Se há, quais são as bases que sustentam esse enquadramento?

III Secção: Relação entre o significado atribuído aos jovens tatuados com o comportamento destes

1. No seu entender, como é que a tatuagem influencia o tipo de comportamento dos jovens?

2. Na sua visão, o não ingresso dos jovens tatuados na Polícia da República de Moçambique não é uma forma de exclusão social? Argumenta o seu posicionamento.